

Editorial

Damos a palavra hoje a dois escritores setubalenses: Horácio Pena, historiador, e Maria da Conceição Areias, autora de vários livros infantis.

A PRIMEIRA ESCOLA

A primeira escola é a primeira casa, da primeira rua, do primeiro bairro, onde se aprende a andar, a ouvir, a sentir, a rir, a zangar...

A primeira casa foi na Avenida Luísa Todi, um terceiro andar sobre o "Arco da Ribeira", constituía-se num enorme corredor ladeado por amplas salas de paredes grossas, com janelas sobre os lóndãos e as palmeiras da avenida e sobre o Sado, a Tróia, a Arrábida e o Castelo.

Do outro lado, a casa dava para o Largo da Ribeira, onde vi nascer e crescer o frondoso plátano que, ainda hoje acolhe, na sua sombra, os passantes.

De um lado e de outro havia as lojas, quase familiares: O "Sr. Fialho", de fazendas, o "Jorge dos Botões", a retrosaria, o "Senhor Zé Careca", mercearia, o "Revez", drogaria, o latoeiro e a taberna, no próprio arco; mais tarde o "Zé da Mota", pronto-a-vestir e a Casa dos Livros, com muito poucos livros...

Mesmo por baixo havia o alfaite, guitarrista, onde à noite, se ouviam baladas.

Era à tardinha que, bandos de andorinhas rasgavam a luz poente, em apetecidas primaveras, apanhando, no ar, os pedaços de algodão que atirávamos, para ajudar à construção dos seus ninhos.

Todos os anos cinco casais de cegonhas ocupavam os seus enormes ninhos na torre da igreja de S. Julião. Ali víamos num zelo familiar exemplar, nascer, crescer e voar os cegonhinhos novos. Um dia, um pároco pouco dado às coisas do ambiente, acabou com os ninhos e as cegonhas, contrariando o curso da natureza.

No passeio central da avenida desenhava-se, em renda prateada, o Coreto. Nas noites de Verão, por vezes, aí tocavam as bandas, dando um ar de festa aos serões.

Do outro lado, alguns requintados edifícios como o do Banco de Portugal ou o do Clube Setubalense, evocavam passados de abundância.

A nascente, o "Quartel do Onze", que semeava pelas ruas mais centrais "meninos-magalas", sorridentes e cheios de vida, em tempos ainda de paz.

O rio convidava à travessia e tinha-se o privilégio de ter os golfinhos roazes por anfítrios.

Aprendi a nadar na doca de recreio e, mais tarde, quando



Maria Conceição Areias e a sua turma do Liceu

velejava, fundeava-se o barco no meio do rio e mergulhava-se por aí, tu-cá, tu-lá com os golfinhos.

A Tróia era um areal extenso, agreste e desabitado. Era a praia acessível e central, aonde todos chegavam.

À direita, a Serra da Arrábida descia ao encontro do rio, meio rio, meio mar, ali, a cada passo descobria-se a sua beleza excêntrica.

No Castelo (Forte), nunca encontrei rastros de princesas cativas mas, tão perto do céu, sentia-me acima de tudo.

E paredes adentro: o meu pai era sábio, a minha mãe temperamental e cada um com distintos sentidos de humor. Dos meus dois irmãos, tocava-me mais a emotividade do mais novo do que a competitividade da mais velha. Havia ainda a eterna Mi, criada, que nos viu nascer e crescer e nos acompanhou sempre.

Tínhamos sempre passarinhos e um gato que se chamava Mico. Desde sempre adorei animais!

Assim, quando fui para a escola, já sabia que havia primaveras, vôos de pássaros, céus espelhados nos rios, praias de areias mornas, serras de ramos verdes, castelos cimeiros... (e diferentes formas de afecto mas, que o coração che-

gava para todos).

Levara a "mochila" cheia destes saberes tateados a que faltava juntar os saberes abstractos, para moldar os meus primeiros anos. E faltava a partilha duma socialização mais alargada.

A primeira escola foi um Colégio de Religiosas, na Quinta dos Bonecos, no Rio da Figueira. Tinha três anos quando para lá entrei e só fiquei um ano, por isso lembro-me de pouca coisa: lembro-me da Madre Superiora, uma senhora inglesa de olhos azuis, vivos. Lembro-me de andar aos pulos dentro do lago central, prudentemente esvaziado e de apanhar bichinhos-de-conta. Lembro-me do portão de ferro forjado onde as meninas se penduravam a mando das freiras, para fazerem empiricamente os alongamentos musculares, adiantando-se sabiamente às modas dos ginásios.

Lembro-me, por fim, do meu primeiro contacto com as letras e a poesia: a Cartilha de João de Deus.

E se, racionalmente, mais tarde segui o caminho da Medicina, emocionalmente e, deste então, é a Poesia que me rouba o coração.

Maria da Conceição Areias
Janeiro/ 2008

AS PRIMEIRAS MARCHAS POPULARES DE SETÚBAL

Uma das primeiras referências que localizamos acerca da realização de marchas populares na cidade de Setúbal, data justamente de 9 de Junho de 1936. "O Setubalense" noticiava que 'encontram-se os organizadores das Marchas Populares, como todas as pessoas que desta fazem parte, cheios de entusiasmo, trabalhando activamente cada grupo, isoladamente, quase em segredo, pretendendo esconder um ou outro número, ou um outro atractivo, num forte mas natural egoísmo de quem pretende apresentar uma surpresa sem maldade, e simplesmente procurando estimular os organizadores das outras marchas para que, na noite da apresentação, cada uma destas se apresente com mais brilho, com mais vida e alegria e com direito à simpatia e aos aplausos da população de Setúbal(...)".

As colectividades que se organizaram para marchar eram, então, em número de quatro: Largo das Machadas, Largo da Portuguesa, Rua 25 de Março e Travessa da Saúde (1).

Preparavam-se dois diferentes tipos de marcha: a marcha desfile, para seguir nas ruas, com cantos próprios e a marcha marcação, a exibir em recinto fechado, para melhor se poder ajuizar do valor da composição. Não bastava o simples desfile nas ruas da cidade. Era necessário pensar num local de mais favorável concentração dos grupos "para exibição dos seus bailados e outros números, que demandam marcações de pares". Acordou-se, já então, no Campo do Vitória, onde, seria possível dar guarida ao apelo para que ninguém se eximisse ao pagamento do respectivo bilhete "pois é unicamente contando com essa receita e com uns pequenos auxílios conseguidos que se espera liquidar os compromissos tomados". A Comissão de Iniciativa e a Câmara Municipal de Setúbal (então presidida pelo Dr. Luís Teixeira de Macedo e Castro) haviam, entretanto, promovido um auxílio monetário a prestar a cada uma das Marchas, no valor de 250 escudos!...

Paralelamente à organização das Marchas Populares que deveriam desfilar, pela primeira vez, na noite de 23 de Junho de 1936, os moradores dos principais bairros setubalenses eram convocados para enfeitar as suas ruas. Davam-se, então exemplos de iniciativas pontuais, criando comissões dedicadas a promover ornamentações e iluminações festivas de artérias: A antiga Rua de S. Sebastião (depois 20 de Abril e, hoje, Rua Arronches Junqueiro), en-



Bocage nos Santos Populares

tre o Largo das Machadas e o Arco de São Sebastião, era um caso (2). Nas vésperas da apresentação das primeiras Marchas Populares de Setúbal, salientava a capa do diário republicano da noite que "nunca em Setúbal se organizou uma festa com características populares e essencialmente regionalista como esta, a que se deu o nome de marchas populares, que tivesse provocado entre a maioria do nosso povo, um tão grande interesse e alegria".

Finalmente, as marchas saíram à rua, por ordem determinada por sorteio previamente realizado (3), "a mostrar que em Setúbal também se pode fazer igual ou melhor que noutros pontos do País. O que se vai ver é qualquer coisa de importante saído do esforço popular" Mais: "Quem como nós viu de perto os ensaios destas marchas populares, e tivesse assistido nos anos anteriores, à exibição das marchas populares de Lisboa, deve verificar e confessar, com a lealdade e a justiça que é próprio de pessoas de bem, que as de Setúbal não são inferiores àquelas e têm, é bom dizer-se, característica mais acentuadamente regionalista (...)".

Na noite de 23 de Junho de 1936, cerca das vinte e duas horas, as marchas concorrentes, entretanto reunidas na Avenida Luísa Todi, junto ao Mercado do Livramento iniciaram o desfile, em direcção ao "campo atlético do Vitória F. Club", onde se exibiram até

para além da 1 hora da madrugada. "Durante o trajecto - informava um jornal local -, para que as marchas produzissem melhor efeito com as suas luzes, foi mandada reduzir a iluminação pública, conseguindo-se efectivamente, o que se desejava".

Enfim, "com a comemoração do dia de São Pedro, desapareceram os últimos sons dos cantares das marchas populares, organizadas nesta cidade que, com a colaboração unânime de toda a nossa população, teve o melhor e o mais entusiástico êxito e luzimento".

Notas:

(1) Na verdade, à quadra inicial, vencidas algumas dificuldades económicas, entre outras, viria a juntar-se ao conjunto a "Marcha dos Olhos d'Água" (Santa Eulália).

(2) Estas ornamentações incluíam, naturalmente, os populares tronos em louvor dos santos mais populares, entre os quais, curiosamente, tinha particular predilecção das jovens setubalenses, São João. Queixavam-se as raparigas que Santo António as havia abandonado... Cf. *O Setubalense*, de 12 de Janeiro de 1936.

(3) O referido sorteio, realizado nos primeiros dias de Junho, determinou a seguinte ordem de apresentação das marchas: 1.ª Olhos d'Água; 2.ª Largo da Portuguesa; 3.ª Largo das Machadas; 4.ª Rua 25 de Março (Rua Direita do Tróio, hoje Rua João Eloy do Amaral); 5.ª Rua da Saúde.

(4) Cf. *O Setubalense*, de 30 de Junho de 1936.

Texto de Horácio Pena